

NOTA BREVE, E NUMERADA, SOBRE FRONTEIRAS

AGOSTINHO DA SILVA

1. Como se sabe muito bem — mas nunca é demais repetir o que muito bem se sabe — os grandes impérios africanos existentes em África antes das destruições provocadas por cristãos ou muçulmanos, ambos imperialistas, nunca tiveram fronteiras definíveis por linhas traçadas em mapas; seu âmbito flutuava de dia para dia, ao sabor das disposições e interesses ou forças do poder central e dos que a ele se haviam submetido;

2. Por outro lado, a concepção da República, e propositadamente, se deixa de empregar a palavra Estado, de outras conotações, diferia muito daquela que se propagou no Ocidente europeu a partir dos restos ou das ressurgências do direito construído pelos romanos, aqueles mesmos romanos que nem física nem culturalmente tinham transposto a barreira do Saara.

As fronteiras dos atuais países africanos foram determinadas da Europa ou na Europa, segundo posições já ocupadas pelos primeiros aventureiros do ouro, dos escravos ou do óleo de palma, pela comodidade retilínea — na carta geográfica — de meridianos e paralelos, ou ainda, para mencionarmos mais um fator, pelas necessidades de um suposto equilíbrio político e estratégico, a cada passo desequilibrado, das potências europeias;

3. O direito público e em grande parte o privado, com pequenas e contemporizadoras ou desprezadoras concessões aos costumes indígenas, passou a ser o do invasor que mais ou menos o impunha pela técnica, a manufatura, a economia de mercado, a conversão ou escravização religiosa e o vício cuidadosamente cultivado de julgarem os pretos que lhes eram superiores os brancos;

4. Como conseqüência direta do último fator, passaram Oxford ou a Sorbonne ou Heidelberg ou Harvard a terem mais importância para a formação de africanos do que a sua cultura nativa, da qual, na realidade, nunca se desprenderam, e felizmente, os melhores, mas a que muitos apenas voltaram na aparência, como meio de poder ou de realização pessoal, e até de criação poética — no sentido mais amplo da palavra;

5. Sabe-se do resultado: foram sacrificados os quadros culturais individualizados, quer fossem de uma tribo ou de um grupo de tribos, de

uma etnia ou de um conjunto de etnias, separaram-se conjuntos da forma mais traumática possível e foram obrigadas a viver no mesmo espaço político e econômico culturas que se viam ou como estranhas ou até como inimigas e que só a dura polícia do colonizador podia manter sem que se exterminassem;

6. Do estatuto atual igualmente se sabe: os homens educados à européia, a geração que fez a independência, consideraram, por motivos mais ou menos aceitáveis, que as fronteiras européias se deviam manter e que grande parte do seu esforço governativo se devia exercer no sentido de destruir as divisões tribais ou culturais; para alguns, e ao que parece, o termo tribal ainda envolvia alguma coisa do conceito de selvajaria a que o ligara o europeu “civilizado”, isto é o das crianças de cinco anos trabalhando nas minas, o da repressão parisiense de 1871, o dos programas czaristas, o de Dachau e Treblinka;

7. Por outro lado, a falsa idéia de progresso ligada à de indústria e urbanismo criou o negro destrabalizado das cidades e seus adjacentes complexos proletários, que não tem nem os seus próprios valores, destruídos pelo colonizador ou pelo suposto mestre de civilização superior, nem pode adotar os valores do branco, que pressente na generalidade de muito baixo nível e talvez ouça contestados pelos mais previdentes e conscientes dos próprios brancos;

8. Não é só, portanto, a descolonização o que basta para que a África venha a ser mestra de humanidade pelo melhor de si própria; depois de não ser dos outros, tem de se restituir a si mesma, pensando no coletivismo agrícola e na economia de subsistência, depois na montagem de indústrias de transformação, depois no que for possível e proveitoso na de indústria pesada;

9. Ao mesmo tempo que fizer tudo isto e pensar que talvez as suas metafísicas vividas valham mais que as verbais filosofias ou religiões de europeus, fora as dos raros — as daqueles que mereceriam ser africanos —, tem de atentar na forma por que a desconjuntaram e reparar o desastre;

10. Não irá isto muito longe da época em que o próprio europeu — e me refiro sempre àquela Europa que vai hoje de S. Francisco da Califórnia ao Vladivostoque do outro lado do Pacífico — refletirá sobre a validade daqueles substratos regionais que uma política, digamos de Luís XI, amalgamou, mais ou menos violentamente, e achará que vale a pena ter Escócia ou Gales individuais na Grã-Bretanha — e a Inglaterra que busque sua própria identidade —, ou a pequena Bretanha e a Occitânia individuais na França, ou a Galiza e a Catalunha ou o País Basco, individuais na Península Ibérica;

11. Teríamos então uma redistribuição da África Negra — e é a outra ainda a África ou já o Mediterrâneo? — por seus diferentes quadros culturais, não para que haja uma balcanização do Continente, mas

para que a Federação Geral ou os Estados Unidos que ali surjam não tenham ainda sobre si, ilaqueando-os, os grilhões das fronteiras do colonizador e deixem de imitar aquela civilização ou estrutura européia cada vez menos coincidente com o real, prestando-lhe pelo contrário o grande serviço de lhe levar ideais novos, o que se deseja sem violência e sem tumulto, como podia ter sucedido com os Bárbaros se o Império Romano os tivesse compreendido a tempo;

12. Caberia talvez pensar-se que os últimos territórios colonizados deste nosso lado Atlântico e no Índico poderiam ser os pioneiros de um novo sistema, o campo de experiência de uma organização federal que fosse mais longe que a da Nigéria e respeitasse os diferentes quadros culturais, solidarizando-os, no entanto, numa obra de desenvolvimento comum;

13. Valeria a pena, para que passassem a existir, como projetos-piloto para tôda a África, uma República Federativa de Angola, confederada, por seu turno, com Moçambique, Tangânia, Zâmbia, Namíbia e uma República Federativa de Cabo Verde e Guiné e outros estados atraindo, que houvesse ajustamentos de fronteiras, com perdas e ganhos, sendo este, no entanto, um dos casos, em que é possível, pelo perder, ganhar; como quem dissesse, parafraseando o conhecido provérbio, conhecido e a ultrapassar, — “quem dá ao pobre a Deus empresta” — que “quem dá ao hoje ao amanhã empresta”;

14. Perguntar-se-ia finalmente, nesta nota um pouco descabida numa publicação de grandes eruditos em honra de outro grande erudito — mas a humanidade de Bastide sempre nele me importou mais que seu saber — se não deveria o Brasil, lançando pontes de fraternidade sobre o mar, oferecer-se para comunicar sua experiência de federalismo, que é político, sem dúvida, mas também geográfico, econômico, étnico, se quiserem, ou de matizes culturais, com um Mato Grosso bem diferente de um Rio de Janeiro ou Santa Catarina bem distinta do Piauí, àquela África que lhe é irmã e o ajudou a ser-lhe poderoso irmão, a África de Luanda e Bissau ou a África das plataformas de aclimação que foram Santiago ou São Vicente ou a do mais distante Moçambique;

15. De imaginação e vontade, de mito e de ciência, de audácia e de paciência nasceu Brasil e delas viverá, não de prudência ou de cobiça e cálculo, defeitos de que morre a velha Europa; transfira-as para a África, primeiro a que mais lhe é fronteira, e vamos ver se a semente que nele germinou a partir do século XVI se não dará igualmente bem em Angola e Guiné e daí se possa talvez transferir a Moçambique e a velhas praças culturais do Oriente — uma Goa na Índia, um Macau na China, tão semelhante ao Brasil, um Timor na Indonésia, acabando em raízes que unam todo o mundo a que se convencionou chamar terceiro quando lhe compete ser primeiro, e ocorrendo, que é sempre tempo, à velha Europa que falece num imenso *Satyricon*.

A SHORT NOTE ABOUT FRONTIERS

That the frontiers of the present-day African countries were determined by Europe or in Europe is one the first remarks of the present article.

Besides this imposed territorial division, the European settlers also imposed their public law and, to a great degree, their private law. From all this resulted the sacrifice of the African cultural framework by men brought up after the European fashion. The writer then conceives of a redistribution of Black Africa, applying to it the last territories in course of descolonization in that continent. He suggests, as a pilot-project for the whole of Africa, a Felerative Republic of Angola, confederated in turn with Mozambique, Tanzania and other countries. Closing his remarks and justifying their worth, the writer reminds us that out of imagination, myth and science was born Brazil, with the lessons it has to give to other countries in the world.

NOTE CONCISE SUR UN PROBLÈME DE FRONTIÈRES

Les frontières des pays africains actuels ont été déterminées à partir d'Europe — voici l'une des remarques initiales de cet article.

A côté de cette division territoriale imposée, les colonisateurs européens ont aussi imposé leur droit public et, dans une large mesure, le privé. De tout cela a résulté le sacrifice des cadres culturels africains, élèves à la façon européenne. L'auteur conçoit une redistribution de l'Afrique Noire, à laquelle les derniers territoires en voie de decolonisation pourraient se prêter. Et il suggère, tel un projet-pilote pour toute l'Afrique, une République Fédérative d'Angola, confédérée, à son tour, avec le Mozambique, la Tanzanie et d'autres pays et encore une République Fédérative du Cap Vert et Guinée, qui pourrait attirer d'autres pays. Terminant ses considérations et démontrant leur bien-fondé l'auteur rappelle que de l'imagination, du mythe et de la science naquit le Brésil, avec les leçons qu'il est susceptible de donner à d'autres pays du monde.